

QUEBRANDO O TABU: EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA, UMA PAUTA POSSÍVEL?

Wesley Ferreira de Souza; Yuri de Souza Vieira Couceiro

Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE – wfipcc@gmail.com

RESUMO: A educação sexual, de processo cultural indistinto, se torna um campo de conhecimento e aplicação, com planejamento, ações, tempo e objetivos limitados, elaboração de programas e intencionalidade. Este trabalho abordou um assunto que a sociedade ainda insiste como um tabu. A iniciação a respeito da educação sexual em si é vista atualmente como uma barreira a ser vencida, principalmente em âmbito escolar. A metodologia utilizada foi uma abordagem etnográfica, com aplicação de questionário semiestruturado. O grupo amostral compreendeu 31 alunos de segundo ano do ensino médio, de uma EREM situada no bairro de Rio Doce, Olinda. Os entrevistados mantiveram o anonimato, respondendo questões sobre o início de sua vida sexual; o uso de preservativos em sua primeira relação; e o diálogo entre eles e seus pais ou responsáveis. Com o objetivo de transformar a escola em um dos lugares onde a educação sexual não deve ser deixada de lado, este trabalho não abordou apenas a questão sexual, mas também a preparação dos professores e o envolvimento da escola com o assunto.

PALAVRAS-CHAVES: FAMILIA. PLANEJAMENTO, ORIENTAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE.

INTRODUÇÃO:

No Brasil, desde 1996 quando foram criados os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), a educação sexual nas escolas já fazia parte deste documento, que se mostra como um conjunto de práticas educacionais, propostas públicas, divulgadas pelo Ministério da Educação e Desporto de 1997 que visam trabalhar várias temáticas sociais de modo singular nas disciplinas curriculares diversas. Os principais temas que devem ser trabalhados são: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. Infelizmente, os PCNs não são adotados em todos os estados brasileiros, mas já é considerado um grande avanço pensar que um plano nacional de educação reconhece o direito à educação sexual de todos os estudantes das instituições de ensino. O processo de discussão sobre a sexualidade está previsto no volume 10 – *Pluralidade cultural e Orientação sexual* (Brasil, 2000).

A abordagem da educação sexual nas escolas busca a desmistificação do sexo no âmbito do ensino, que geralmente é repassado de forma não efetiva, longe da realidade, com

ações educativas pontuais sobre o uso de camisinhas e apenas abordar ISTs de uma forma geral. (PEDIATRIA, São Paulo, 2000, p.44-48). Tendo em vista o papel da escola como transformadora da realidade social, faz-se necessário pautas que envolvam questões sexuais, de saúde e gênero, pois se o objetivo é educar, informar ou por melhor ainda, formar, a instituição enquanto escola se destaca entre os grupos incumbidos por ser essa a sua principal função reforçando a

[...] desmistificação dos estereótipos sexuais (por exemplo, o machismo e a predeterminação dos papéis sexuais em função de cada sexo; a dupla moral sexual; a discriminação social pelo fato de se ser mulher), através da procura do equilíbrio entre posições radicais de extrema moralidade ou vulgaridade. (RIBEIRO, 1990, p.20).

A educação sexual na escola deve se fundamentar em uma linhagem mais plural da sexualidade, ou seja, no entendimento dos multi-comportamentos sexuais e de valores a eles associados. Com isso, é necessário considerar a existência das diversas realidades, sobre tudo, em sua singularidade e sua inserção sociocultural a partir do pressuposto de que não há uma realidade absoluta acerca das concepções, atitudes e práticas de como viver essa sexualidade. Diante desta problemática conclui-se que os horizontes da escola devem se amplificar cada vez mais, abrangendo conhecimentos mais importantes e norteando questões sobre adolescência e sexualidade, o que favorecerá o desenvolvimento de técnicas mais efetivas a respeito da sexualidade. Este tipo de educação deveria fornecer informações e principalmente dar ênfase aos aspectos sócias e culturais trabalhando os indivíduos e suas particularidades sem perder de vista o coletivo não tendo, portando, um caráter de aconselhamento individual ou psicoterapêutico isolado do contexto histórico. (Doxa, v 15, n 1, p.75-84,2011)

Como expressa Figueiró (2009, p.163),

[...] a educação sexual tem a ver com o direito de toda pessoa de receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e, também com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever seus tabus, aprender, refletir e debater para formar sua própria opinião, seus próprios valores sobre tudo que é ligado ao sexo. No entanto, ensinar sobre sexualidade no espaço da escola não se limita a colocar em prática estratégias de ensino. Envolver ensinar, através de atitude do educador, que a sexualidade faz parte de cada um de nós e pode ser vivida com alegria, liberdade e responsabilidade. Educar sexualmente é, também, possibilitar ao indivíduo, o direito a vivenciar o prazer.

Embora a educação sexual possa ser realizada e colocada em prática por várias instituições, como em ambulatórios, postos de saúde, sindicatos, fábricas, universidades, pode

se considerar o espaço escolar mais propício para realizar tal ação. Dentre os motivos, cita-se que a escola tem como uma das suas principais funções sociais a transmissão de conhecimentos e saberes e conhecimentos que são historicamente acumulados. Em segundo lugar é na escola que é esperado que os estudantes adquiram uma mente mais crítica, que eles aprendam a questionar e principalmente aprendam a se posicionar sobre atitudes relacionadas a sociedade, à cidadania, aos direitos humanos. Então as questões de relevância social (como igualdade de gênero e combate à homofobia) devem ser incluídas na educação emancipatórias que irá ser abordada dentro do âmbito escolar. (Doxa, v 15, n 1, p.75-84,2011)

Contudo, segundo o PPP (Projeto Político Pedagógico) é recomendado até a participação da comunidade em que a instituição está inserida para a construção do mesmo, ou seja, a responsabilidade da desconstrução e construção de determinados conceitos dentro da escola que circundam a realidade da educação sexual não é única e exclusiva dos docentes (ao que diz respeito as disciplinas sociais e biológicas), e sim, da massiva colaboração de toda a gestão em detrimento do enriquecimento interdisciplinar e com o apoio institucional dentro das diversas esferas que estão inseridas no âmbito pedagógico; Psicopedagogia, pedagogia, psicologia educacional, gestão escolar e coordenação pedagógica.(VEIGA, 1998, p.11-35) Portanto, o objeto desta pesquisa é trazer à tona a desmistificação e a quebra do tabu sobre a sexualidade dentro do âmbito escolar, fazendo com que este assunto melhor e mais abordado.

METODOLOGIA:

A metodologia utilizada foi uma abordagem etnográfica, com aplicação de questionário semiestruturado. O grupo amostral compreendeu 31 alunos de segundo ano do ensino médio, da EREM Santa Ana situada no bairro de Rio Doce, Olinda. Os entrevistados mantiveram o anonimato, respondendo questões sobre o início de sua vida sexual; o uso de preservativos em sua primeira relação; e o diálogo entre eles e seus pais ou responsáveis.

Foi elaborado um questionário semiestruturado sobre as relações dos estudantes diante das diversas realidades sexuais. Com o intuito de obter resultados sobre em qual instância se encontra o nivelamento da concepção dos alunos do segundo ano do ensino médio acerca da educação sexual, o questionário quali-quantitativo tenta identificar qual a relação dessas pessoas com a sexualidade nos mais variados segmentos. O questionário foi aplicado em 3 encontros com os alunos, no primeiro encontro aplicamos o questionário 5 alunos do segundo ano A e outros 6 do segundo ano E. Já no segundo encontro, foram avaliados mais 10 alunos, desta vez foram 5 do segundo B e mais 5 do segundo C e no terceiro e último encontro, participaram do projeto 5 alunos do segundo ano D e outros 5 do segundo ano F. A seleção

destes estudantes foi feita através de uma forma bem aleatória, para que o resultado da pesquisa não fosse afetado por questões de afinidade.

O sorteio foi feito da seguinte maneira, foi impresso números de 1 a 46 (de acordo com a ata de presença da escola) e foram sorteados 5 alunos de 5 segundos anos e 6 de uma outra sala, somando o total de 31 estudantes. Com relação a identificação destes estudantes, o nome não era necessário, para que eles se sintam mais à vontade para tirarem suas dúvidas sem saber que, fazendo com que as conversas entre eles sejam melhor desenvolvidas.

O questionário abordou 6 perguntas sobre a vida sexual de cada estudante da escola, entre elas foram: **JÁ INICIOU SUA VIDA SEXUAL?** (Levando em consideração todos os tipos de sexo) esta questão dividiu bastante os participantes muitos deles do sexo feminino, onde elas alegam já ter iniciado sua vida sexual, mas poucas delas teriam dúvidas sobre o mesmo.

Uma outra questão proposta no questionário que mais se destacou, foi; **“FEZ USO DE PRESERVATIVOS EM SUA PRIMEIRA VEZ OU EM OUTRAS RELAÇÕES SEXUAIS, CASO JÁ TENHA INICIADO?”**, pois mesmo com as discussões dentro do âmbito da sexualidade defasadas, sobretudo no contexto educacional, as pessoas entrevistadas se declararam que fazem uso de preservativos alegando terem medo de contraírem alguma Infecção Sexualmente Transmissível (IST).

Outra questão proposta que foi; **”VOCÊ CONVERSA ABERTAMENTE SOBRE SEXO COM SEUS PAIS OU ALGUM RESPONSÁVEL?”** Também se destacou pelo baixo índice de interação desses estudantes com sua família. Assim, reforçando ainda mais a importância das pautas sobre a educação sexual dentro dos diversos segmentos sociais, sobretudo na escola. Voltando ao âmbito escolar, a questão de número 4 trazida no questionário aborda justamente o assunto que estamos tratando, ela diz: **JÁ PARTICIPOU DE ALGUMA DISCURSÃO ENVOLVENDO EDUCAÇÃO SEXUAL EM SUA ANTIGA/ATUAL ESCOLA?** Já esta questão, foi colocada no projeto com o intuito de ter um parâmetro sobre educação sexual nas escolas e se este assunto é realmente tratado da forma que deveria e o resultado já era esperado e em grande parte das respostas foram negativas e as positivas foram apenas voltadas para campanhas sobre ISTs e distribuição de preservativos.

A principal questão que o projeto trouxe foi justamente falando sobre se os alunos concordavam ou não com a educação sexual ser um assunto comum a todos dentro da escola.

A resposta foi unanime ao que diz respeito ao diálogo sobre sexualidade na escola, tendo em vista o déficit dessa pauta no âmbito familiar.

EXEMPLO DO QUESTIONÁRIO

Projeto: Quebrando o tabu: educação sexual na escola, uma pauta possível?

TURMA: _____

Questionário semiestruturado

1- Você já iniciou sua vida sexual?

SIM NÃO

Por quê? _____

2- Fez uso de preservativos em sua primeira vez ou em outras relações sexuais, caso já tenha iniciado?

SIM NÃO AINDA NÃO INICIEI

Por quê? _____

3- Você conversa abertamente sobre sexo com seus pais ou com algum responsável?

SIM NÃO UM POUCO

Por quê? _____

4- Já participou de alguma discursão envolvendo educação sexual em sua antiga / atual escola?

SIM NÃO

Por quê? _____

5- Sobre a educação sexual, você concorda que as escolas deveriam abordar mais o assunto?

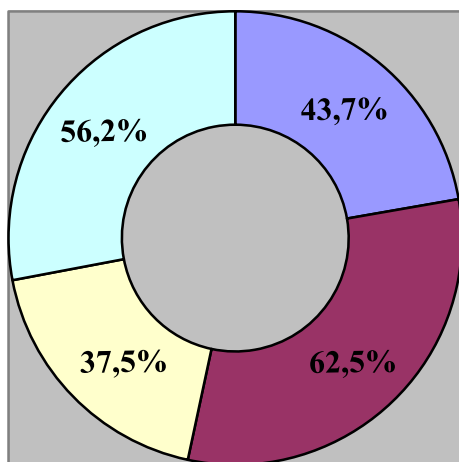
() SIM () NÃO

Por quê? _____

6- Sobre sexualidade / sexo, você tem dúvidas? Se sim, quais?

RESULTADOS E DISCURSÕES:

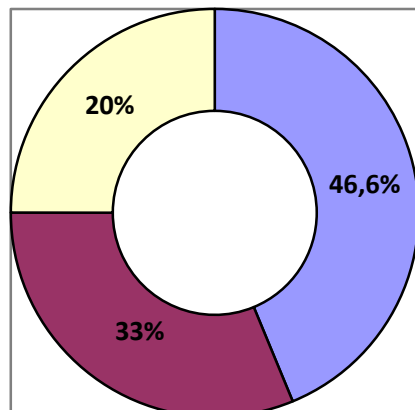
ESTUDANTES QUE JÁ INICIARAM A VIDA SEXUAL



- Não Usaram Preservativos
- Não Conversam com os pais sobre o tema
- Nunca participaram de palestras sobre o tema
- Tiveram duvidas sobre educação sexual



ESTUDANTES QUE NÃO INICIARAM A VIDA SEXUAL (*AINDA*)



- Não conversam com os pais sobre o tema
- Não participou de uma palestra sobre educação sexual
- Se posicionaram com dúvidas sobre sexo/sexualidade

Este primeiro gráfico mostra os dados dos estudantes entrevistados que já iniciaram sua vida sexual, os dados apresentados são os mais significativos dos coletados através do questionário apresentado. Tendo em vista os 43,7% dos alunos que não usaram preservativo na sua primeira relação, se torna uma problemática.

“ Segundo a Organização mundial de Saúde (OMS) mais de um milhão de pessoas são acometidas diariamente por infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), gerando diversos transtornos à vida, comprometendo severamente a saúde. Essas infecções podem causar infertilidade, doenças agudas, incapacidade de longa duração e morte, tanto em homens e mulheres, quanto em crianças. ” BEZERRA, L. L. O. *ET al.* 2016, p. 02

65,5% não discutem sobre o tema em casa e 37,5% nunca participaram de palestras sobre a temática, como o sexo é poucas vezes discutido em outros âmbitos se torna algo pouco conhecido efetivamente, que por sua vez, tende a se iniciar cada vez mais precoce à prática das relações sexuais, que por muitas vezes se torna consequência das pressões acometidas nos nichos sociais ao qual este indivíduo está inserido. Pois,

“Diante do silêncio em casa, o adolescente tende a procurar informações com outros adolescentes também imaturos, contribuindo, dessa maneira, para a prática do sexo de forma insegura. ” SOUSA, L.B. *ET al.* 2006, p. 02

Culminando em 56,2% de estudantes que ainda sim, tinham dúvidas a cerca do sexo e suas mais variadas vertentes. Apesar de não ser uma competência da escola, não cabe a ela

julgar como certa ou errada a educação sexual que cada família oferece em âmbito privado. É papel do ensino, integrar a pluralidade e o respeito às diferenças na vida dos alunos, sem que haja violação dos direitos humanos dentro ou fora da sala de aula. Assim, é necessário que a escola seja um ambiente em que a sexualidade possa ser expressa com bases como a igualdade de gênero, a não discriminação e a tolerância, para que, no futuro, a sociedade possa ter como característica tais atributos.

CONCLUSÃO:

Portanto, mesmo depois deste projeto, a educação sexual ainda vem sendo bastante discriminada e tratada de forma errada tanto pelos próprios pais de crianças e adolescentes quanto pela própria escola. Um dos principais motivos deste preconceito é principalmente a falta de conhecimento a respeito deste tipo de educação e a também a escassez de discussão sobre este assunto tanto no meio acadêmico quanto na rede escolar.

Diante do que foi exposta a proposta da educação sexual desenvolvida pelo educador deverá contemplar algumas premissas para que se efetue a sua eficácia e entre os principais deles estão: Abandonar critérios de julgamento e substituir por de proteção ao indivíduo, sua saúde e projeto de vida, A escola deverá envolver as famílias no diálogo sobre sexualidade, usando o espaço da escola, como as reuniões de pais e mestres e os professores deverão estar preparados para o desafio de orientar um ser com uma imensa vontade de experimentar o “novo”, destemido por se julgar invulnerável e imaturo ou amador para lidar com o impulso sexual, marcado pela genitalidade, num corpo a todo o momento renovado por mudanças marcantes.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A.; ARAÚJO, L.; PEREIRA, M. E. (Org.). **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais - livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf>. Acesso em: 6 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: orientação sexual. Brasília, 1997.

VEIGA, Ilma Passos da. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva**. In: VEIGA, Ilma Passos da (org). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. Campinas: Papirus, 1998. P.11-35

SAITO, M. I. **Sexualidade, Adolescência e Orientação Sexual: Reflexões e Desafios**. Rev Med S Paulo 75(1): 26-30, 1996

SAITO, M. I. **Educação Sexual: Adolescência, Sexualidade e Escola**. In: CONCEIÇÃO, J. A. N. (Coord). **Saúde Escolar: A Criança, a Vida e a Escola**. São Paulo, Sarvier, 1994. 6.
SAITO, M. I. Gravidez na adolescência: fatores de riscos

SILVA, J. L. P. SARMENTO, R. Gravidez. In: COMISSÃO DE SAÚDE DO ADOLESCENTE / SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE. **Adolescência e Saúde**. 2ª ed. São Paulo, Paris Editorial/Secretaria de Estado da Saúde, 1994. p. 131-142.

CARRADORE, V. M; RIBEIRO, P. R. M. Aids, **sexualidade e prevenção no espaço escolar**: algumas reflexões. In: RIBEIRO, P. R. M.; FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Sexualidade, cultura e educação sexual: propostas para reflexão**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Araraquara: Laboratório Editorial FCL-UNESP, 2006. p.89-110.

JARDIM, D. P; BRÊTAS, J. R. S. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores** de Jandira-SP. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 59, n. 2, p. 157-62, 2006.